

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
ARQUITETURA E URBANISMO**

SITE-SPECIFIC: ARTE/ARQUITETURA

A significância do lugar, e como a arte e arquitetura se relacionam a partir deste ponto em comum.

Orientanda: Julia Nogueira da Silva

Orientador: Marcos Virgílio da Silva

RESUMO

Neste artigo propõe-se a reflexão e a investigação teórico-prática no âmbito da arquitetura e seus espaços contemporâneos, aliada à prática da arte efêmera como ação intervencionista. Para tanto, o raciocínio de elaboração do trabalho passa por quatro momentos: primeiro, a conceituação da noção do local a partir de um paralelo com as definições de lugar e espaço; segundo, o conceito de geografia cultural; terceiro, a contextualização do cenário artístico que introduziu a noção do lugar como uma forma de leitura espacial e, por último, análise de artistas com obras de acordo com a categorização proposta ao tema.

Palavras-chave: site-specific, arte efêmera, arquitetura, arte-arquitetura, intervenção, espaços urbanos.

ABSTRACT

This article proposes reflection and theoretical-practical research in the field of architecture and its contemporary spaces, allied to the practice of ephemeral art as interventionist action. Therefore, the work elaboration reasoning goes through four moments: first, the conceptualization of the notion of place from a parallel with the definitions of place and space; second, the concept of cultural geography; third, the contextualization of the artistic scene that introduced the notion of place as a form of spatial reading and, finally, the analysis of artists with works according to the proposed categorization of the theme.

Keywords: site-specific, ephemeral art, architecture, art-architecture, intervention, urban spaces.

1 INTRODUÇÃO

O termo “*site-specific*”, em português, *sítio-específico*, refere-se a obras criadas de acordo com o ambiente e com um espaço determinado. Tem como conceito remontar as experiências fundamentadas por elementos presentes no espaço que dialogam com o meio circundante,

atuando como uma intervenção efêmera. Neste processo artístico, os elementos visuais e espaciais se tornam fatores determinantes e vão ao encontro da memória afetiva do lugar, suas características físicas e o potencial plástico interativo com o observador.

Com a contemporaneidade, coloca-se em discussão o papel e o lugar da arte promovendo a sua saída dos espaços idealizados das instituições. A arte realizada nos espaços públicos converte-se em estratégia de aproximação com a realidade e com o público. As obras de intervenção nos espaços urbanos, em sua maioria, lidam com o conceito de *site-specific*, caracterizado pela indissociabilidade entre a obra e o lugar. Essa relação intrínseca e sutil com a arquitetura revela a importância que permeia a história dessas intervenções, sua espacialidade e conflitos que ocorrem no espaço expositivo arquitetural. Discussões sobre espaço e lugar na arquitetura contemporânea com caráter efêmero se tornam essenciais para refletir processos poéticos até então apenas pertinentes à arte. O ato de pesquisar um conceito artístico fisicamente acessível, o qual modifica a paisagem circundante, torna a pesquisa relevante socialmente e cientificamente ao tratar de uma nova forma de produzir arquitetura.

2 OBJETIVO E METODOLOGIA

A seguinte pesquisa tem por objetivo propor a reflexão e a investigação teórico-prática no âmbito da arquitetura e seus espaços contemporâneos, aliada ao exercício da arte efêmera como ação intervencionista. Procura-se para isto, a abordagem sobre o tema “*site-specific*” com base em obras de artistas/arquitetos, bem como ensaios reflexivos sobre o assunto, visando uma perspectiva pessoal sobre singularidades e impasses presentes entre os limites das práticas artísticas e construções arquitetônicas.

A metodologia de trabalho pressupõe pesquisas em diferentes plataformas de comunicação, sejam estes registros fotográficos e/ou vídeos. Busca por leituras de livros vinculadas ao tema como “O complexo arte-arquitetura” de Hal Foster e “Um lugar após o outro: anotações sobre o site-specificity” de Miwon Kwon, tratando de forma fundamentada o movimento artístico aplicado a arquitetura.

3 LUGAR E ESPAÇO

Para compreender a concepção de lugar que, em uma primeira leitura, pode parecer uma expressão evidente por si só, faz-se apropriado também discorrer sobre o conceito de espaço, esclarecendo, que essas noções ultrapassam, em muito, a esfera do conhecimento apenas

geográfico, permitindo interlocuções com diferentes disciplinas. Ainda que os sentidos de espaço e de lugar possam, facilmente, ser confundidos – e, no cotidiano, isso aconteça com muita frequência – o espaço é um conceito geométrico munido de dimensões finitas, precisas e mensuráveis como altura, largura, profundidade, área e volume. O lugar segundo Augé (2012), por sua vez, é antropológico, impalpável e subjetivo, habitualmente ligado à noção de tempo, onde as ações e competências humanas se sucedem e ganham significado. Todas as vivências culturais, sociais e simbólicas do cotidiano, sejam individuais ou coletivas, manifestam-se nesse palco.

O lugar liga-se a aspectos que se refletem na intenção artística, quando o sujeito criador procura uma intervenção física, real e plástica. Há múltiplas formas de ampliar os modos de intervir e pensar o espaço na construção de um diálogo poético com a arquitetura. A partir de um viés artístico embasado nas diferenças culturais, contextuais e fictícias; é possível demarcar lugares por onde uma narrativa se desenvolve. A instalação, intervenção, ou qualquer manifestação pública; ganha suporte e o destaque responde o porquê da arquitetura como suporte primordial desses meios explorados.

4 GEOGRAFIA CULTURAL

A interpretação inicial do lugar, como localização pode estar diretamente ligada à própria etimologia e significado da palavra, pois lugar advém do latim *locális*, de *locus* que designa “espaço ocupado, localidade, posição”. Além disso, a palavra pode ser empregada como “oportunidade, ensejo, vez”. Há, portanto, uma multiplicidade de vocábulos que podem designar o lugar. Entretanto, na geografia cultural, o sentido do conceito de lugar depende essencialmente da sua inserção.

Numa visão dialética, Milton Santos faz uma interpretação do lugar como “condição e suporte das relações globais” (SANTOS, 2005), às vezes concebido como mercadoria e, também como expressão de uma individualidade. De acordo com ele, no surgimento do meio técnico-científico-informacional, o lugar emerge como uma combinação particular dos modos de produção. Na ordem local/global se constitui também uma razão global e uma razão local, que em “cada lugar se superpõem e, num processo dialético, tanto se associam quanto se contrariam” (SANTOS, 2005). Assim cada lugar é visto como parte do sujeito que o constrói; ao mesmo tempo em que constitui a si mesmo se relaciona com o mundo e com a coletividade social.

5 SITE-SPECIFIC

Do inglês, o termo “*site specific*” em tradução literal “sítio específico - foi promovido pelo artista californiano Robert Irwin e posteriormente disseminado na década de 70 - é utilizado para designar obras produzidas em determinado espaço, em que os elementos dialogam com o meio circundante para o qual o trabalho é elaborado. Em “Um lugar após o outro - anotações sobre site specificity”, Miwon Kwon localiza três procedimentos *site-specific*: fenomenológico, social/institucional e discurso. Em sua primeira formação (KWON, 2002); focava no estabelecimento de relação indissociável entre o trabalho e sua localização, apenas tendo como experimento concluído através da presença e interferência física do espectador. Essa primeira fase parte de um desafio de realocar o significado do objeto artístico para o perímetro do seu contexto, conhecido também como modelo fenomenológico da experiência corporal vivenciada.

Em um espaço delimitado, apontar o desejo de construção de metáforas arquitetônicas e camadas de ilusões artísticas, impõem novos métodos de produzir “arte-arquitetura”. Dentro ou fora do museu - orientado para arquitetura ou para paisagem - o *site-specific* inicialmente tomava o “*site*” ou “sítio” como localidade real onde a identidade do local é ditada pela combinação dos elementos físicos como: comprimento, profundidade, altura, textura, escala e etc. KWON (2002), sugere esta definição numa primeira instância onde detectamos um conjunto de atributos físicos numa localização.

Ser “específico” em relação a um local (site), portanto, é decodificar e/ou recodificar as convenções institucionais de forma a expor suas operações ocultas mesmo que apoiadas – é revelar as maneiras pelas quais as instituições moldam o significado da arte. ASHER (1979), revelou os locais da exposição ou mostra como sendo situações culturalmente específicas e geradoras de expectativas e narrativas particulares no que diz respeito à arte e à história. A inserção da arte na instituição, em outras palavras, não só distingue um valor econômico e qualitativo, mas também (re)produz formas específicas de conhecimento que estão historicamente localizadas e culturalmente determinadas – que não são absolutamente padrões universais ou perenes.

Dessa forma, o “site” da arte vai para longe de sua coincidência com o espaço literal da arte, e a condição física de uma localização específica deixa de ser o elemento principal na concepção de um site. O “trabalho” não quer mais ser um substantivo/objeto, mas um verbo/processo, provocando senso crítico (não somente física) do espectador no que diz respeito

às condições ideológicas dessa experiência. Richard Serra em *Tilted Arc* (1981), por exemplo, exigia uma garantia de relação específica entre um trabalho de arte e o seu site.

Mas se a crítica do confinamento cultural da arte (e do artista) pela via de suas instituições foi a “grande questão”, um impulso dominante de práticas orientadas para o site, hoje é a busca de maior engajamento com o mundo externo e a vida cotidiana – uma crítica da cultura que inclui os espaços não especializados, instituições não especializadas e questões não especializadas em arte (na realidade, borrando a divisão entre arte e não-arte). Considerando o foco na natureza social da produção e recepção, esse engajamento expandido com a cultura favorece locais “públicos” fora dos confins tradicionais da arte em termos físicos e intelectuais.

6 INTENÇÕES E INTERVENÇÕES

Emergindo no final da década de 1960 e início da seguinte, a seguinte arte forçou a dramática reversão do paradigma minimalista do modernismo (KWON, 2002). O espaço da arte não era mais percebido como uma lacuna, mas sim como espaço real. Onde o objeto neste contexto adquiria um viés experimental pela presença corporal de cada espectador. Os aspectos aparentemente benignos de um museu/galeria, em outras palavras, eram considerados mecanismos codificados que ativamente dissociam o espaço de arte do mundo externo. Já em 1970, BUREN (1970) afirmou:

“Se o lugar onde o trabalho é mostrado imprime e marca esse trabalho, seja ele qual for, ou se o trabalho em si é diretamente – conscientemente ou não – produzido para o museu, qualquer trabalho apresentado nessa estrutura, se não examinar explicitamente a influência desse formato sobre si mesmo, cai na ilusão de autossuficiência – ou idealismo.”

Assim, a arquitetura começou a servir como um veículo para uma expressão nas mais variadas instâncias. Nas primeiras práticas, alguns dos seguintes artistas abaixo referidos já abordavam essa definição, não só como uma forma de arte, mas como uma relação com o lugar físico. Gordon Matta-Clark, em *Building Cuts*, por exemplo, é um dos seus trabalhos ou séries de maior destaque onde realiza cortes em edifícios ou construções abandonadas, colando outras partes em manifesto a construção, a estrutura, a ordem e a vida que foram capazes de dar suporte, a partir de uma proposta artística.



Foto 01. Buildings Cuts. Four Corners. 1974. Fonte: Archdaily

Já Dan Graham em *Two-way mirror punched steel hedge labyrinth*, evidencia uma clara interdisciplinaridade entre as tecnologias elencadas com a arquitetura, enquanto espaço a ser habitado e que assume várias potencialidades plásticas. As suas intervenções cruzam elementos arquitetônicos com estruturas em vidro, aço e espelho, simulando assim outros planos e outros espaços visíveis.



Foto 02. Two-way mirror punched steel hedge labyrinth. 1994-1996. Fonte: Mousse magazine

Em *Tilted Arc*, (1981), produzida por Richard Serra é uma gigantesca "parede" de aço inclinada colocada na Federal Plaza, em Nova York. Essa obra, afirma o artista, "foi elaborada para um lugar específico, em relação com um contexto específico e financiada por esse contexto". Para sua elaboração o lugar é examinado em todas as dimensões: desenho da praça, arquitetura, fluxo diário de transeuntes.



Foto 03. Richard Serra, Tilted Arc, 1981, aço, Nova Iorque (destruído). Fonte: David Aschkenas

A partir da década de 1980, Carmela Gross, desenvolve sua obra entre a pintura e o desenho, e entre a pintura e o objeto, passando a explorar também a arquitetura do espaço expositivo. A ação artística lida com a arquitetura do espaço de exposição em contextos institucionais.

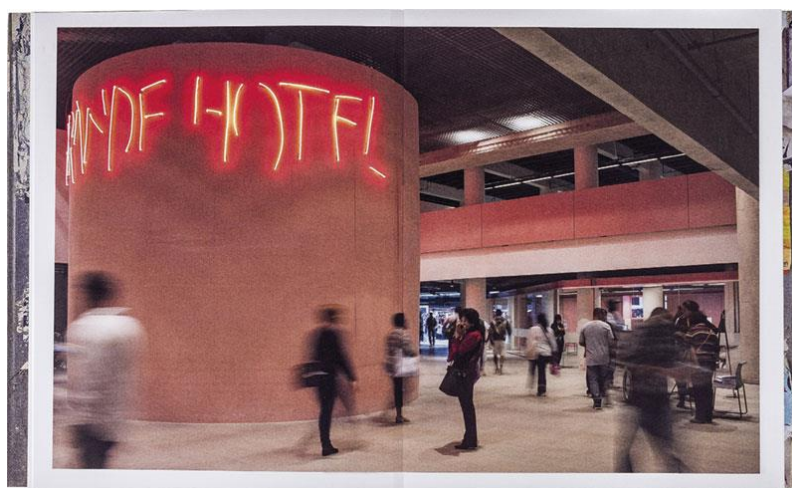


Foto 04. Grande Hotel - Varal. 2017. Fonte: Sesc 24 de Maio

Paredes Pinturas, projeto de Mônica Nador é baseado na técnica do estêncil. Sair às ruas e pintar a cidade foi uma proposta de reação à Arte Moderna que, segundo Nador, tirou a arte das ruas isolando-a em espaços especializados como os museus e galerias de arte. Ao mesmo tempo em que a arte saiu das ruas ela passou a ser objeto de estudo e apropriação.



Foto 05. Paredes pinturas. 1996. Fonte: Acervo autora

Intervenção para a 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo realizada pelo Goma oficina, consiste em bandeiras/fronteiras inseridas na comunicação visual do Metrô de São Paulo e CPTM no período de outubro a dezembro de 2017. As bandeiras estavam nas principais estações da linha vermelha: Barra-Funda, República, Sé, Brás, Tatuapé e Itaquera. Esta é a linha mais movimentada, através de uma história por quem passa por ela, cada um compartilhou sua experiência pessoal para a produção dos tecidos.



Foto 06. Fronteira livre. 2017. Fonte: Goma oficina.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interferência artística na paisagem arquitetônica, sendo esta constituinte e parte integrante do espaço público, influencia em um processo de reflexão e questionamento individual. Relações aqui abordadas como lugar e espaço, a geografia cultural e o próprio *site-specific* amarram uma narrativa de construção teórica que contribui para a reafirmação da plataforma arquitetônica como parte indissociável da prática, sendo determinante da significância do lugar. Já o papel do indivíduo que transita por este lugar projetado, evidencia a necessidade da interação humana.

Cada trabalho aqui abordado, utilizado como exemplificação, serviu para reafirmar a presença de cada espectador como parte integrante das intervenções em espaços públicos, sejam elas diretamente geradas pelo espectador ou de forma assistida. Esta interatividade, projeta os campos da arte e arquitetura como um lugar em comum da coletividade social. Fica claro a importância de incentivos à processos de pesquisa, busca e reflexão artística que utilizem lugares públicos como plataforma de investigação.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ALVES DE SOUZA, Bertoneto. **Aula Site-Specificity no contexto de formação do artista**. São Paulo, 2014.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Os novos museus. In: **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo: EDUSP, 1993.

CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível**. 2018 Disponível em: <https://arteparaumacidadesensivel.files.wordpress.com/2015/10/arte_para_uma_cidade_sensivel_ebook.pdf/> Acesso em: 19 jan. 2019

ELIAS, Denise. **Milton santos: a construção da geografia cidadã**. 2002. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-124g.htm>> Acesso em: 23 de abril. 2019

FOSTER, Hal. **O complexo arte-arquitetura**. Tradução Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac Naif,, 2015.

GOUVEIA, Alice. **Aos Moldes de Paredes Pinturas-Um Documentário sobre a oficina e trabalho de Mônica Nador**. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3RNnIAK9dGQ>> Acesso em: 22 jun 2019

GROSS, Carmela. **Video Grande Hotel**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N-zO2p4xixo>> Acesso em: 15 mar. 2019

KRAUSS, Rosalind. **A escultura no campo ampliado**. reedição. *Revista Arte&Ensaio*, ano XV, nº 17, PPGAV/EBA/UFRJ, 2008. p.128-137. Disponível em: <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wpcontent/uploads/2012/01/ae17_Rosalind_Krauss.pdf> Acesso em: 11 set. 2018

KWON, Miwon. **Um lugar após o outro: anotações sobre o site-specificity**. Revista Arte & Ensaios, ano XV, nº 17, PPGAV/EBA/UFRJ, 2008. p.167-187. Disponível em: <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae17_Miwon_Kwon.pdf> Acesso em: 18 set. 2018

NARA ROESLER, Galeria. Artigo: **Obras, luz, projeção e transparência: obras in situ e situadas**. 2015. Disponível em: <<https://nararoesler.art/artists/67-daniel-buren/>> Acesso em: 27 jul 2019.

OFICINA, Goma. **Video - Fronteira livre**. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vCOOsDNOGh8>>. Acesso em: 25 Abr. 2019

RODRIGUES, Kelly. **O conceito de lugar: a aproximação da geografia com o indivíduo**. 2015. Disponível em: <<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/17/473.pdf>> Acesso em: 05 ago. 2019

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. Da totalidade ao lugar. 7.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.